



Resenha

Escritos sobre a Medicina

Writings on Medicine

Ana Beatriz Bortolansa Pacagnella¹

Georges Canguilhem, filósofo e médico francês, autor de inúmeros livros, das quais destacamos algumas das obras publicadas em português: *O normal e o patológico* (Forense Universitária, 2011), *Escritos sobre a Medicina* (Forense Universitária, 2011); *Conhecimento da vida* (2012) e *Estudos de História e de Filosofia das Ciências - concernentes aos Vivos e à Vida* (2012). Sua consistente produção científica desempenhou importante papel na busca da compreensão do conceito de saúde, vida, doença. Na perspectiva analítica do autor, a vida não pode ser deduzida por leis da física ou da química, para compreendê-la torna-se necessário compreender o próprio ser vivo.

Escritos sobre a Medicina é uma coletânea de textos de Georges Canguilhem, publicada no Brasil, que nos convida a empreender uma crítica da razão Médica. Trata-se de uma obra composta de cinco textos do autor, atualmente desaparecidos ou inacessíveis, que foi organizada e publicada, com o objetivo de tornar acessível ao público a produção do autor sobre a Medicina. Os textos foram redigidos e publicados originalmente em francês, sendo que os dois primeiros, o quarto e o quinto foram publicados, respectivamente, nos anos de 1972, 1989, 1978 e 1955. O terceiro, denominado ‘*A saúde conceito vulgar e questão filosófica*’ consiste na publicação de uma Conferência ministrada pelo autor em maio de 1988, em Estrasburgo. A obra tem o valor de revelar o modo de pensar do autor sobre a história e a filosofia da Medicina.

No texto ‘*A ideia de natureza no pensamento e na prática médicas*’, o autor realiza um resgate da história da Medicina e de sua atuação na natureza e dos benefícios de sua intervenção para os doentes. O autor busca compreender esse processo, na sua perspectiva analítica, “compreender é ultrapassar”, pois segundo ele “compreende-se a

¹ Assistente social, Mestranda em Gerontologia pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, especialista em *Serviço Social, Saúde e Envelhecimento* pela FCM UNICAMP. Serv. Soc. & Saúde, Campinas, SP v. 12, n 1 (15), p. 125-128 jan./jun. 2013 ISSN 1676-6806

partir do momento que a ciência fisiológica permitiu ao médico poder contar com a existência de mecanismos protetores da estabilidade orgânica, os médicos puderam cessar de invocar a Natureza como a providência da Vida” (*ibid.*, p.17).

O autor afirma que a Medicina contemporânea não pode melhor celebrar a precisão aproximada de sua concepção do organismo senão recusando sua prática de observação e de expectativa. Na perspectiva analítica do autor, não seria prudente esperar que a natureza se declarasse, seria necessário agir, sendo o agir compreendido com o objetivo de “ativar, tanto para revelar, quanto para remediar” (*ibid.*, p. 22).

No texto ‘*As doenças*’ publicado originalmente na *Encyclopedie Philosophique Universelle* (Paris, 1989), o autor faz uma breve referência à história do conceito de doença. Remete primeiramente aos séculos em que a doença era vista como possessão ou punição por um ser maligno (*ibid.*, p. 23). Afirma o autor, que os primeiros tratamentos na Grécia eram de natureza religiosa, sendo que, no templo de Asclépio, os doentes eram recebidos e tratados segundo ritos. Recupera a história da Lepra, tendo por base o livro do Levítico, no Antigo Testamento. Essa doença, era considerada uma impureza e os leprosos eram excluídos da sociedade. Para Canguilhem, só se pode falar de Medicina grega a partir do período hipocrático, quando passa a existir um discurso comunicável sobre doenças, desordens corporais, sintomas, supostas causas, futuro provável e condutas observadas para a correção da desordem indicada por eles (*ibid.*, p. 24). O autor afirma, que nesse período surgem as primeiras pesquisas que representaram um progresso do pensamento filosófico, e que, portanto, mereceram o nome de Ciência. Para o autor, a Medicina de hoje, fundamenta-se na eficácia da dissociação progressiva entre a doença e o doente, sendo o médico ‘ensinado a caracterizar o doente pela doença, mais do que identificar uma doença segundo feixe de sintomas espontaneamente apresentados pelo doente’ (*ibid.*, p. 24).

O autor segue assinalando que a doença remete mais a Medicina do que ao mal, sendo que, os sintomas, o diagnóstico etiológico, o prognóstico e a decisão terapêutica são sustentados por uma sucessão de pesquisas clínicas e experimentais, no decorrer dos quais, os doentes foram tratados como objetos e não como sujeitos de sua doença (*ibid.*, p. 24). Canguilhem, assinala ainda que, não se pode tratar da doença como se tratasse de fenômenos meteorológicos, pois as doenças são crises do crescimento em direção a forma e a estrutura adultas do órgão, crise da maturação e de adaptação das funções internas e externas (*ibid.*, p. 27).

No terceiro texto, denominado "*A saúde: conceito vulgar e questão filosófica*", o autor se ancora em autores clássicos como Leibniz, Diderot, Kant e Nietzsche, e o faz com vistas a compreender o conceito de saúde nas diversas épocas. Na sua análise, o autor retoma o percurso de como a filosofia buscou construir o conceito de saúde. Segundo o autor, a saúde é um tema filosófico desde a época clássica e no século das luzes, segundo ele, esse tema foi, historicamente, abordado do mesmo modo, com referência à doença, cuja isenção é quase sempre considerada como o equivalente da saúde (*ibid.*, p. 36). Canguilhem afirma que "o corpo vivido não é um objeto, pois para o homem viver, é também conhecer e aprender a conhecer". Na perspectiva analítica do autor, aprender a conhecer as relações é fundamental para poder mudá-las (*ibid.*, p. 48).

No quarto texto da Coletânea, o autor se indaga se "*é possível uma pedagogia da cura?*" Ao refletir sobre esse tema, assinala que na relação entre o doente e o médico, há uma distância entre o objetivo de cada um. Para o autor, o primeiro presume o poder, fruto do saber, para a obtenção da própria cura, já para o médico, sua análise pautada nos seus objetivos, tem a cura como tema menos tratado (*ibid.*, p. 49). Para o autor, o médico, assim como o educador, tem como objetivo "tornar sua função inútil" (*ibid.*, p. 69). O autor defende que, "a saúde depois da cura não é a saúde anterior" (*ibid.*, p. 70). Na perspectiva do autor, aprender a curar é aprender a conhecer a contradição entre a esperança de um dia e um fracasso, no final sem dizer não à esperança de um dia" e deixa em aberto a pergunta se essa questão remete à inteligência ou à simplicidade? (*ibid.*, p.70).

No quinto e último texto, "*O problema das regulações nos organismos e na sociedade*" o autor se indaga sobre um problema muito antigo e que ele julga estar sempre em aberto, quer seja, se propõe a analisar as relações entre a vida do organismo e a vida de uma sociedade. Na tessitura desse arcabouço conceitual o autor constrói uma análise do que vem a ser o conceito de regulação no organismo e, busca explicitar que não há equivalência desse processo no âmbito da sociedade (*ibid.*, p. 71). No decorrer da análise, explicita a impossibilidade de defender que haja uma assimilação da sociedade a um organismo, pois é "próprio de um organismo vivo viver como o todo e ele só pode viver como um todo" (*ibid.*, p.77). Uma sociedade tem semelhanças com o orgânico já que ela vem de uma coletividade de vivos, entretanto ela não é uma espécie como cita Bergson, as sociedades humanas não são a espécie humana elas representam

Serv. Soc. & Saúde, Campinas, SP v. 12, n 1 (15), p. 125-128 jan./jun. 2013 ISSN 1676-6806

um meio e são uma ferramenta, portanto “não há sociedade sem regulação e não há sociedade sem regra, mas não há, na sociedade, auto regulação. Nela a regulação é sempre acrescentada” (ibid., p. 85), estando sua construção aberta na direção da história a construir.

REFERÊNCIA

CANGUILHEM, G. **Escritos sobre a Medicina**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2005.